

## **Hortas Urbanas Comunitárias: estruturando um metaprojeto para escalonamento na região metropolitana da cidade de Vitória (ES).**

*Community Urban Gardens: structuring a metaproject for scalling in the metropolitan region of the city of Vitória (ES).*

REZENDE, Yannayza; graduada; Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

yannayza.rezende@edu.ufes.br

VIEIRA, Thais; DSc; Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

thais.l.vieira@ufes.br

BORGES, Juliana; Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

juliana.borges.60@edu.ufes.br

### **RESUMO**

O presente trabalho apresenta um estudo para identificar e potencializar iniciativas de reconstrução do tecido social emergentes na sociedade, por meio das hortas urbanas comunitárias, na perspectiva do Design para Inovação Social e Sustentabilidade. A metodologia da pesquisa, de acordo com os objetivos, iniciou-se com revisão bibliográfica, seguida de levantamento de dados e pesquisa de campo exploratória. Foram coletados dados de casos escolhidos em função da localização, estando, preferencialmente, na região da Grande Vitória, metrópole do Estado do Espírito Santo. Entre elas, a horta comunitária “Quintal na Cidade” tornou-se foco principal de observação e interação em fonte primária. O conjunto dessas informações cruzadas e analisadas resultará no metaprojeto, que servirá como base para posterior desenvolvimento de um modelo de horta para facilitação de escalonamento horizontal, ou seja, reprodução de um formato viável e adequado a cada comunidade a ser implementada.

**Palavras-chave:** Design para Inovação Social; Design Estratégico; Hortas urbanas comunitárias.

### **ABSTRACT**

*The present work presents a study to identify and enhance initiatives to rebuild the social fabric emerging in society, through community urban gardens, from the perspective of Design for social innovation and sustainability. The research methodology according to the objectives started with a literature review, followed by data collection and exploratory field research. Data were collected from cases chosen according to their location, preferably in the region of Grande Vitória, a metropolis in the state of Espírito Santo. Among them, the community garden “Quintal na Cidade” became the main focus of observation*

*and interaction in primary source. Among them, we chose the community garden “Quintal na Cidade” to observe and interact with a primary source. The set of cross-checked and analyzed information will result in the metaproject that will serve as a basis for the further development of a garden model to facilitate horizontal scaling, that is, reproduction of a viable and appropriate format for each community to be implemented.*

**Keywords:** *Design for Social Innovation; Strategic Design; Urban community gardens.*

## 1 Introdução

O crescimento de Hortas Urbanas Comunitárias (HUCs) é um fenômeno perceptível durante as últimas décadas. Elas surgem em vários locais, com objetivos, tamanhos e configurações diversificadas, por ações espontâneas de cidadãos, que, por alguma necessidade local ou pessoal, decidiram se organizar criando esses espaços produtivos. Essas configurações denotam sistemas complexos, envolvendo recursos ambientais, materiais, técnicos e, principalmente, humanos, que precisam de planejamento para se autossustentar e vigorar.

O Design, por sua vez, vem se manifestando cada vez mais como ferramenta útil para auxiliar na facilitação de planejamento de organizações complexas. Buchanan (1992) conectou o pensamento do designer à solução dos chamados “*wicked problems*”<sup>1</sup>, sendo aqueles que, pela sua complexidade, são mal definidos ou desconhecidos, mas que devem ser trabalhados enfatizando a observação das necessidades dos usuários do serviço ou produto.

Os projetos de Design voltados, em alguns casos, exclusivamente para a inovação estética de produtos, tiveram, historicamente, um papel relevante no incentivo ao consumismo. Prática que impacta não apenas na depredação do meio ambiente, mas também no aumento da ansiedade dos seres humanos, que se sentiam na obrigação de adquirir cada vez mais produtos para serem aceitos em sua comunidade. Manzini (2014) acena à necessidade de uma mudança de paradigma urgente, no sentido de buscarmos a lucratividade não apenas em recursos financeiros, mas em melhoria de qualidade de vida.

Profissionais de Design desenvolvem, dentre suas capacidades, a organização de recursos e criação de sentido, o que tem se mostrado útil, em especial para o desenvolvimento de organizações por meio do Design Estratégico voltado para ações sociais (FREIRE, 2015). Sua formação multidisciplinar, envolvendo conhecimentos tanto nas áreas humanas quanto tecnológicas, relacionando-os na solução de problemas ou proposição de direcionamento de táticas, sugerem que os designers possam ser agentes efetivos de impulsionamento de mudanças necessárias no contexto atual das cidades.

O mundo em pandemia entre os anos 2020 e 2022 suscitou novos hábitos e novas necessidades e potencializou outros já emergentes. Confinadas em seus espaços físicos para evitar contágio, e acostumadas a cotidianos de múltiplas atividades, as pessoas inclinaram-se a buscar alternativas de ocupação do tempo ocioso que, de preferência, melhorasse sua qualidade de vida. Assim, uma das atividades apontadas como mais difundida nesse período foi a jardinagem. A manipulação dos insumos naturais resultando em plantas frescas

---

<sup>1</sup> A tradução literal indica “problemas perversos, ou maus”, mas a intenção é fazer referência a problemas mal formulados ou demasiadamente complexos.

comestíveis traz inúmeros <sup>2</sup>benefícios (comprovados aos seus praticantes), não apenas físicos, mas também mentais, quando percebida como atividade terapêutica.

O interesse pela jardinagem em quintais ou varandas naturalmente vem conduzindo alguns praticantes às HUCs, provavelmente por serem alternativas de convívio em espaços abertos, com facilidade de manutenção de distanciamento social. Tornaram-se uma experiência não apenas viável, mas também desejável, Alencar (2020).

Esta pesquisa traz o registro da primeira fase de um projeto em andamento na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que pretende extrair da conjunção das ações de inovação social inseridas no tema das HUCs, com as práticas de Design no sentido de otimizar resultados. O referido projeto visa compreender como o Design pode auxiliar na organização e multiplicação das hortas, respeitando as necessidades e a capacidade e vocação de cada realidade envolvida na proposta.

## 2 Metodologia

Este artigo é um dos resultados do projeto de pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo intitulado “Design como instrumento de melhoria de qualidade de vida no cotidiano”<sup>2</sup>, que investiga inovações sociais do cotidiano para serem potencializadas com auxílio de intervenções de projetos de Design. Isso pode ocorrer por escalonamento vertical ou horizontal. No primeiro caso, a estratégia é ampliar o que já existe; no segundo caso, multiplicá-lo, aplicando em outras comunidades. Para viabilizar ambas as possibilidades, é necessário investigar inovações sociais que venham acontecendo, relacionadas a um determinado tema, para observar nas práticas já experimentadas elementos que possam ser reproduzidos ou mesmo evitados.

O contexto e os objetivos da pesquisa relatados neste artigo levaram à escolha de uma metodologia exploratória, tendo em vista que a intenção primordial foi ampliar a familiaridade com o tema das Hortas Urbanas Comunitárias, portanto, houve flexibilidade no percurso, permitindo abrangência vasta na consideração dos aspectos iniciais investigados. De acordo com Gil (2002, p. 27), as “pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. A perspectiva do Design para Inovação Social e Sustentabilidade foi o ponto de partida, tendo como foco as HUCs, que configuram interesse comum entre as pesquisadoras, com a intenção de aprofundar seus conhecimentos para utilizar ferramentas do Design na facilitação da difusão da prática.

A metodologia de pesquisa exploratória costuma ser “feita por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de exemplos sobre o tema estudado” (REIS, 2010, p. 64). Basicamente, essas foram as técnicas, tendo sido adaptadas ou ampliadas, de acordo com as necessidades do projeto, conforme descrito na sequência.

O primeiro passo foi uma pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Cruz e Ribeiro (2004, p. 19), “leva ao aprendizado de uma determinada área”. Entre artigos acadêmicos recentes que vinculassem design a hortas urbanas e livros sobre “Design para Inovação Social e Sustentabilidade”, relacionou-se a abordagem disciplinar com o tema das hortas em si. O intuito desta fase preliminar foi alinhar o conhecimento entre as autoras e delimitar conceitos para adequação da terminologia específica do campo.

---

<sup>2</sup> Registrado na PRPPG/UFES com o número 11343/2021

Para coleta de exemplos de inovações sociais configurando HUCs, foi feito o levantamento de dados sobre iniciativas recentes, em relatórios técnicos e artigos (acadêmicos e mesmo não acadêmicos), que trouxessem informações atualizadas. Por tratar-se de atividade usualmente informal, há mudanças de perfil das hortas com extrema frequência, nem sempre sendo registradas pela academia em velocidade compatível com a necessidade das informações para a pesquisa. Foram coletados índices publicados sobre hortas urbanas no país e feitos fichamentos com informações específicas sobre algumas, tomadas como relevantes pela atuação ou mesmo pela facilidade de acesso aos dados descritivos de interesse da investigação.

Os dados iniciais foram coletados principalmente por meio de *desk research* (NEVES, 2012), ou seja, pesquisa feita pela internet em computadores. Apesar de o tema sugerir priorizar as pesquisas em fontes primárias, o início deste trabalho aconteceu na segunda metade do ano de 2021, fase em que a pandemia causada pelo vírus da Covid-19 ainda estava pouco controlada e, por isso, o contato aproximado entre as pessoas era desaconselhado.

A partir das etapas anteriores e com a pandemia já suficientemente controlada, em março de 2022, a pesquisa pôde evoluir para o estudo de campo, em busca do conhecimento empírico. A primeira horta comunitária visitada (e previamente fichada) foi a denominada “Quintal na Cidade”, localizada no centro da cidade de Vitória, no Espírito Santo (ES). Foi uma experiência de imersão em contexto, com a participação em dois mutirões de limpeza e plantio, não apenas como observadoras, mas trabalhando na terra e aprendendo na prática.

Durante a oportunidade, foram entrevistados dois membros fundadores da horta, para ouvir suas experiências, percepções e histórias, brevemente relatadas mais adiante. As entrevistas foram gravadas, por meio de perguntas semiestruturadas, com intenção de abarcar informações que os próprios sujeitos julgassem relevantes na descrição de suas vivências.

### 3 Quadro teórico

Para melhor compreender as relações existentes entre design e Hortas Urbanas Comunitárias, foram investigados autores que tratam dos novos rumos da profissão direcionados à melhoria da qualidade de vida relacionada ao meio ambiente. Iniciou-se pela ótica da sustentabilidade, na sua perspectiva sistêmica, levando aos pensamentos de Ezio Manzini (2008) sobre Design para Inovação Social e Sustentabilidade. O autor é o precursor do DESIS, uma corrente de pensamento que reúne pesquisadores, em sua maioria designers, ao redor do mundo, compartilhando suas descobertas a partir de iniciativas “prototipadas” pela sociedade para solucionar problemas em suas cidades (DESIS NETWORK, 2020).

Design para a sustentabilidade (*Design for Sustainability, DfS*) deve ser interpretada como uma atividade de design cujo objetivo é encorajar a inovação radical orientada para a sustentabilidade, ou seja, conduzir o desenvolvimento dos sistemas sociotécnicos em direção ao baixo uso dos materiais e da energia e a um alto potencial regenerativo. (MANZINI, 2008, p. 36).

Os pesquisadores do DESIS não se limitam a um método específico em suas práticas, mas, frequentemente, tomam como base ferramentas do Design Estratégico e do Design de Serviços. O primeiro para compreensão do que está por vir e o segundo na elaboração de serviços que possam replicar ações bem-sucedidas das inovações sociais encontradas, no sentido de alcançar objetivos para um futuro melhor (VIEIRA, 2015).

### 3.1 Design para Inovação Social, Sustentabilidade e Design Estratégico

As práticas tradicionais de produção e consumo vêm afetando a disponibilidade dos recursos naturais do planeta. Tendo em vista o aumento populacional das últimas décadas, esses padrões desmedidos são responsáveis pela deterioração do meio ambiente, diminuindo a qualidade de vida dos seres humanos, além de trazer a escassez da biodiversidade causando danos à natureza. Esses são alguns dos principais argumentos que evidenciaram a necessidade de hábitos mais sustentáveis no cotidiano. Um desafio que não se limita a um único ambiente em desequilíbrio, mas deve considerar múltiplos sistemas que interagem entre si, como energia, clima, alimentação, dinheiro e cultura (THACKARA, 2008).

Entretanto, o desafio de reduzir o consumo de recursos e regenerar o ambiente físico e social para obter resultados relevantes em uma cidade, é fundamental que o processo seja entendido e absorvido pelos seus habitantes como pressupostos de melhoria na condição de suas vidas (FERREIRA, 2017). Sendo individuais ou coletivas, as mudanças de hábito como imposição ou como resposta isolada a eventos desastrosos geralmente é ineficaz, ao contrário daquelas soluções inovadoras que emergem da própria sociedade. Manzini (2017) como fatores determinantes no surgimento de inovações sociais a natureza escalonável do problema, a difusão tecnológica da informação e a comunicação.

O projeto estrutural é uma iniciativa de design e comunicação que inclui cenários (para dar a diferentes projetos locais uma direção comum), estratégias (para indicar o modo como implementar cenários) e as atividades de apoio específicas (para sistematizar os projetos locais, empoderá-los e comunicar o projeto global). (MANZINI, 2017, p. 205)

As ações de projetos de Design para propagação de soluções sustentáveis devem considerar o contexto em que a sociedade se insere e suas especificidades. Observar as organizações, percebendo suas motivações, seus objetivos, suas necessidades, enfim, a arquitetura sistêmica do projeto, atuando preferencialmente de maneira colaborativa. Esse processo de ampliação das organizações pode acontecer de duas maneiras: por escalonamento horizontal (*scale out*), que é quando as ideias se espalham e diferentes grupos podem reconhecê-las e adaptá-las em diferentes contextos; ou por escalonamento vertical (*scale up*), quando a iniciativa analisada é impulsionada a crescer dentro de sua própria estrutura, tornando-se maior ou mais fortalecida. O uso de uma ou outra forma de escalonamento irá depender apenas do propósito do projeto, podendo envolver as duas possibilidades simultaneamente.

As hortas urbanas comunitárias envolvem sistemas que vem se difundindo no engajamento de cidadãos voluntários, gerando impacto de sustentabilidade ambiental, social e econômica em suas comunidades (RIBEIRO *et al.* 2015). As práticas de plantio em espaços comunitários são ferramentas que podem proporcionar inúmeros benefícios, como, por exemplo: integração social, preservação do meio ambiente, difusão da agroecologia, contribuição para a biodiversidade, garantia ou melhoria de alimentação, capacitação profissional, fortalecimento do senso de responsabilidade compartilhada, desenvolvimento socioeconômico sustentável, estímulo de consumo responsável, sem falar nos benefícios terapêuticos, entre outros.

Designers podem e devem contribuir para o desenvolvimento de iniciativas de inovação social e sustentabilidade, como o das hortas, colocando em prática a combinação de três de suas

principais capacidades: senso crítico, criatividade e senso prático. Nesse sentido, podem projetar sistemas que envolvam resultados materiais, imateriais ou ambos.

A produção de sistemas de serviços visando à desmaterialização pode gerar soluções para satisfazer as necessidades dos usuários com a criação de novos produtos e serviços voltados para esta perspectiva. O projeto de um Sistema Produto-Serviço ou *Product Service System* (PSS) tem como uma de suas estratégias reduzir o consumo pelo incentivo ao compartilhamento de produtos aliado a serviços projetados com capacidade para tal (UNEP, 2001).

Na elaboração de serviços há que se levar em conta especificidades de planejamento ligadas à subjetividade dos relacionamentos interpessoais envolvidos. Diferentemente dos processos de produtos, que são facilmente calculáveis, os serviços envolvem emoções, hábitos e conhecimento pessoal (PENIN, 2018). O Design de Serviços pode ser aplicado na relação das empresas com seus clientes ou apenas entre cidadãos comuns de uma determinada comunidade. São vistos nos sistemas encontrados em inovações sociais que os criam para solucionar problemas cotidianos para os quais as instituições públicas não ofereçam respostas (VIEIRA, 2015).

Quanto mais complexo for o objetivo do projeto, mais profundas devem ser as pesquisas envolvidas na fase inicial de sua elaboração. Compreender os elementos compositivos do problema exige, de preferência, observação por imersão no cenário que possibilite escolhas mais adequadas aos caminhos a serem trilhados. A elaboração de um metaprojeto consistente funciona como plataforma que estime referências objetivas e subjetivas, propiciando definições de projeto mais bem fundamentadas para soluções inovadoras e profícuas.

O metaprojeto vai além do projeto, pois transcende o ato projetual. Trata-se de uma reflexão crítica e reflexiva preliminar sobre o próprio projeto a partir de um pressuposto cenário em que se destacam os fatores produtivos, tecnológicos, mercadológicos, materiais, ambientais, socioculturais e estético-formais. Tendo como base análises e reflexões anteriormente realizadas antes da fase de projeto por meio de prévios e estratégicos recolhimento de dados. (MORAES, 2010, p. 25)

Dada a complexidade das possibilidades de relações entre as Hortas Urbanas Comunitárias e o Design, esta pesquisa propõe-se a elaborar um metaprojeto do conjunto das investigações iniciais. Trata-se de um recurso amplamente usado em projetos de Design Estratégico e pode ser definido como “uma alternativa posta ao design, que contrapõe a metodologia convencional, ao se constituir como espaço de reflexão e suporte ao desenvolvimento do projeto em um cenário mutante e complexo” (MORAES, 2010, p. 68). Dessa maneira, os resultados servirão como base para, posteriormente, elaborar o projeto de escalonamento de hortas na cidade de Vitória (ES), objetivo final da pesquisa principal.

A capacidade de ler os ambientes e saber interpretar as estruturas tornando-as visíveis, comunicar, gerir processos e instigar o compartilhamento são intenções do Design Estratégico, geralmente visando aumentar a competitividade das organizações (ZURLO, 1999). Por outro lado, há uma corrente significativa do Design Estratégico pesquisando e atuando mais intensamente no âmbito social, muitas vezes, inclusive, gerando projetos de apoio às necessidades do serviço público (FREIRE, 2015).

Uma prática comum na implementação de hortas comunitárias é a tomada de decisões em conjunto, num processo de cocriação dos espaços comuns. Dessa maneira, aproximam a

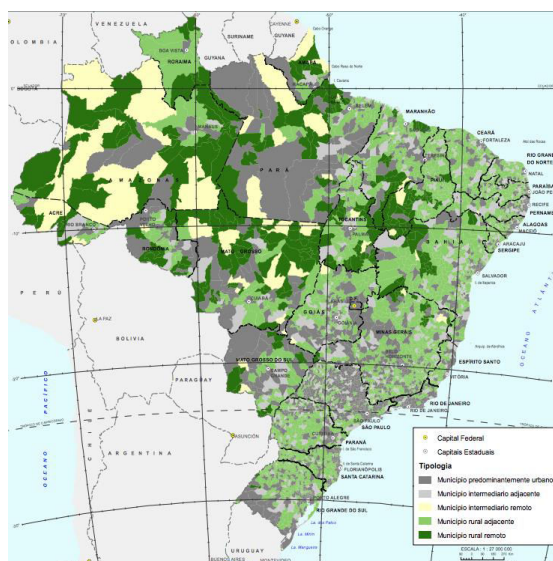


agroecologia aos cenários urbanos, ao mesmo tempo em que fortalecem vínculos entre cidadãos e suas cidades. Ao propor a mudança da ênfase do Design centrado no humano para o Design centrado nas comunidades criativas, Meroni (2008) ressalta a potência de produções coletivas sobre as individuais. O frequente uso de ferramentas colaborativas no Design Estratégico propõe a interação para compreensão e valorização de experiências cotidianas, considerando os sistemas socioculturais e seus respectivos impactos. A aproximação dos membros da comunidade facilita a absorção de novos hábitos e a implementação do projeto, facilitando a gestão para a sustentação das hortas enquanto organização.

### 3.2 Categorização das hortas urbanas

A distinção primária para compreensão dos perfis das inúmeras hortas possíveis perpassa o critério geográfico em que estão localizadas em relação aos centros das cidades. Discriminar hortas urbanas das hortas rurais permite compreender questões fundamentais relacionadas à densidade demográfica, à disposição do solo, ao acesso à matéria-prima e à cultura de plantio. No Brasil, o Decreto-Lei nº 311, de 2 de março de 1938 (BRASIL, 1938) associa a delimitação de zonas rurais e urbanas aos municípios, o que também impacta nas políticas públicas e nos investimentos que envolvem o planejamento de incentivo a hortas urbanas. Entretanto, as transformações culturais, sociais e econômicas não são acompanhadas apenas pela demarcação territorial definida em legislação. Em um estudo para classificar e caracterizar os espaços urbanos e rurais no Brasil, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, foi possível identificar que, independentemente da divisão política-administrativa, a concentração urbana dos municípios mescla-se com as áreas rurais em densidades diferentes. No estudo foram consideradas as unidades populacionais com ocupação densa de mais de 50 mil habitantes, classificadas como concentrações urbanas; e ocupações populacionais com população densa menor que três mil habitantes como predominantemente rurais.

Figura 1 - Tipologia municipal rural-urbano



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia; Coordenação de Cartografia; e Censo Demográfico 2010.

Campilan, Drechsel e Jöcker (2002) discriminam a agricultura de cada região como sendo: a agricultura rural - aquela que apresenta organização e modelo de produção homogênea, dedicação exclusiva, cultivo segundo a estação, que se insere longe de mercados e com alta prioridade na agenda política; e a agricultura urbana e periurbana - que não exibe um padrão móvel nem transitório, sendo, na maioria das vezes, atividade secundária dos seus integrantes; há cultivo o ano todo, está perto de mercados, favorecendo o cultivo de produtos perecíveis, e apresenta políticas vagas ou inexistentes.

Para além da espacialidade, Duque (apud Lopes, 2014 p. 30, grifo nosso) classifica os tipos de horta por grupos de exploração, identificando cinco variações:

**Diversificadas** - aquelas relacionadas ao cultivo em áreas periurbanas com grande diversificação de espécies em pequenos espaços; têm seu plantio destinado à comercialização no próprio local ou em pequenos varejistas, para os consumidores finais e pela comunidade local;

**Agroindustriais** - fornecem a matéria-prima para a agroindústria; a venda do produto final tem como finalidade o mercado interno e externo relacionado a áreas rurais;

**Sociais** - aquelas em regiões urbanas onde o plantio é conduzido pela própria comunidade; usam as hortaliças com práticas artesanais e optam, na maioria das vezes, por sistemas de produção orgânicos;

**Hortas Educacionais** - são ferramentas para o ensino das ciências, incentivam alunos a prática do cultivo e reforça a alimentação saudável em ambiente escolar; é comum em ambientes urbanos;

**Hortas Terapêuticas** - usadas como ferramenta para terapia ocupacional de idosos, deficientes físicos e/ou mentais, pessoas em tratamento químico ou com predisposição à depressão e ansiedade; são normalmente encontradas em ambientes urbanos e periurbanos.

Nas classificações encontradas, destaca-se, ainda, a tipologia das hortas observada por Terrille (apud SANTANDREU; LOVO, 2007, p. 13, grifo nosso), que relaciona o local das iniciativas à posse do espaço onde é feita a plantação:

**Espaços privados**, que são comuns: lotes vagos, terrenos baldios, lajes e tetos, quintais ou pátios, áreas periurbanas e áreas verdes em conjuntos habitacionais.

**Espaços públicos**, que são de propriedade municipal, estadual e federal, como verdes urbanos, que são o caso de praças e parques; institucionais, que são escolas, creches, posto de saúde, hospitais, presídios e edifícios públicos; não edificáveis, como laterais de vias férreas, estradas e avenidas, margens de cursos d'água, sob linhas de alta tensão e rios, e lagoas; unidades de conservação, como áreas de proteção ambiental, reservas ecológicas e outras unidades em que é permitido o manejo e uso de atividades agrícolas urbanas; e áreas de tratamento, como aterros sanitários e lagoas de oxidação.

A compreensão e a reflexão sobre as possíveis combinações entre esses conceitos explicitaram algumas das diferenças observadas, *a priori*, nas hortas urbanas, direcionando mais claramente a pesquisa de fundamentação do metaprojeto em desenvolvimento.

### 3.3 Índices de hortas urbanas e periurbanas



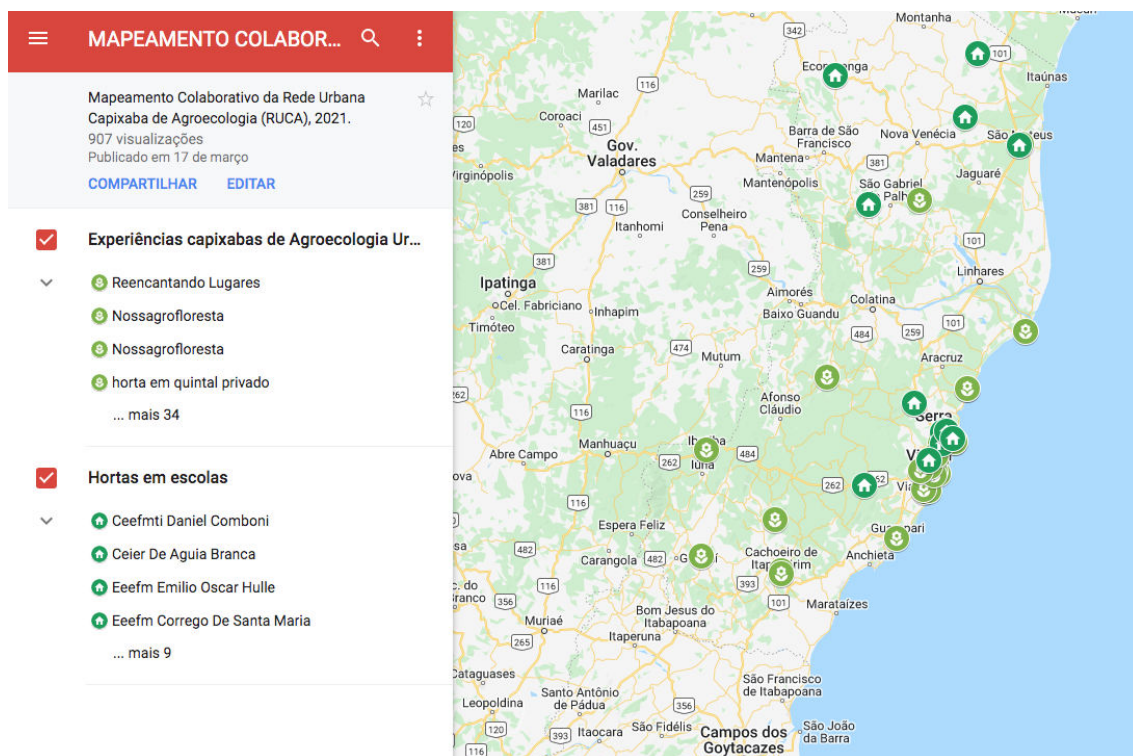
A prática da agricultura urbana e periurbana contribui não apenas na produção de alimentos para seus habitantes, mas na promoção de cidades mais ecológicas, a partir de indivíduos ou coletivos que buscam melhoria da qualidade de vida. O aumento exponencial de HUCs em várias regiões do mundo, evidenciado por índices e relatos de casos bem-sucedidos de plantio por grupos de pessoas em seus próprios bairros, caracteriza um fenômeno de inovação social notável, passível de escalonamento a partir da identificação de suas principais características.

Uma pesquisa feita pelo Governo Federal Brasileiro resultou no registro de 635 iniciativas de agricultura urbana e periurbana em regiões metropolitanas brasileiras (SANTANDREU; LOVO, 2007). Nesse estudo, foram reunidas onze regiões metropolitanas, segmentadas em três grupos: regiões Sul e Sudeste (Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR), Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP)); Centro-Oeste (Brasília (DF) e Goiânia (GO)); Norte e Nordeste (Belém (PA), Fortaleza (CE), Recife (PE) e Salvador (BA)). Um dado que chama atenção nessa pesquisa é que foi possível evidenciar que a produção, a coleta e o extrativismo vegetal correspondiam a 537 projetos do total avaliado, ou seja, é a destinação de mais de 80% das iniciativas. Vale destacar que há, ainda, muitos projetos que têm como finalidade o autoconsumo (alimentação), a troca ligada às atividades de doação e a comercialização como fonte de renda para seus participantes.

A maioria das organizações de agricultura tem como atividades, sendo ou não exclusivas, a produção, a coleta e o extrativismo vegetal. Vale destacar que não estão sendo discriminadas as práticas de agricultura urbana e agroecologia urbana no levantamento de dados gerais, mas, entende-se a importância da promoção de estratégias para implementação de agroecologia, empoderamento e autonomia de agricultores urbanos e periurbanos, além da disseminação de hábitos saudáveis de consumo. Ademais, traz como dado que 50% das produções levantadas nas regiões Sul e Sudeste fazem uso de produções orgânicas ou agroecológicas; já nas regiões Norte e Nordeste, esse número cresce para 60%.

No Espírito Santo, encontramos a Rede Urbana Capixaba de Agroecologia (Ruca) um coletivo civil, que visa ao fortalecimento e à comunicação da agroecologia no Estado e reúne ativistas que prezam e pleiteiam políticas públicas que subsidiem projetos com esse viés. A Ruca trabalha há anos com a agroecologia no meio rural, apoiando povos tradicionais (indígenas e quilombolas) no combate aos impactos negativos da industrialização e vem expandindo sua atuação para as áreas urbanas nos últimos anos. O grupo organizou-se e tornou público seus objetivos por meio de um manifesto lançado em 2020. No intuito de aproximar projetos, iniciou um mapeamento colaborativo on-line (figura 2) da agroecologia urbana no Espírito Santo, no ano de 2021, utilizando como ferramenta o *Google Maps*, que é um serviço de pesquisa e visualização de mapas, via satélite, fornecido pela plataforma de pesquisa Google, gratuitamente. A proposta da entidade foi a de reconhecer os projetos por meio do autocadastro, com o objetivo de fundamentar as necessidades de políticas públicas direcionadas ao setor de agricultura urbana na região, englobando: hortas comunitárias, iniciativas de compostagens e comercialização ligada à agroecologia. O grupo ainda enfrenta desafios na catalogação de todas as ações formais e informais no Espírito Santo, mas segue seu trabalho, persistentemente, ainda que de maneira lenta, pela falta de recursos facilitadores de acesso.

Figura 2 - Mapeamento Colaborativo - Agroecologia Urbana no Espírito Santo



Fonte: Mapeamento Colaborativo da Rede Urbana Capixaba de Agroecologia (Ruca), 2021.

Após essa fase inicial de fundamentação teórica e levantamento de dados, passamos à coleta dos casos de inovação social em hortas urbanas comunitárias, na região da Grande Vitória, em busca de suas características relevantes e replicáveis. Para tal, foi necessário sistematizar a documentação de maneira a facilitar a compreensão de suas configurações, distinguindo fraquezas e potencialidades para análise e elaboração do metaprojeto que pudesse ser, posteriormente, escalonado. Foram feitos fichamentos, tomando como modelo os utilizados pela Rede DESIS (VIEIRA, 2015) para catalogação dos casos de inovação social pertinentes.

#### 4 Coleta de casos e fichamento das hortas urbanas comunitárias da região metropolitana de Vitória (ES)

A busca inicial de casos relevantes de inovações sociais voltadas para criação de HUCs foi feita a partir dos recursos da ferramenta de busca Google, plataforma predominante para encontrar informações de todos os tipos na atualidade. Para tal, foram utilizadas as três palavras principais do tema, ou seja, "Horta", "Urbana" e "Comunitária", sem estarem em ordem obrigatória, resultando em cerca de 200 mil links. Em seguida, refinamos o rastreamento, associando ao conjunto dessas palavras básicas alguns termos que nos interessaram inicialmente: Brasil, Espírito Santo, Grande Vitória e Universidade, sendo cada uma dessas palavras associadas, separadamente, ao conjunto básico inicial. Os termos complementares foram definidos em função do cenário em que essa pesquisa se insere, a fim de compreender as possibilidades efetivas de projeto.

A data inicial da consulta foi no mês de março de 2022, selecionando os resultados contidos no intervalo de tempo dos últimos dois anos, para garantir ocorrências de atividade recente, ainda em curso. Assim, verificamos sites e redes sociais de conteúdo relevante para extrair alguns dos casos escolhidos para fichamento. O critério dessa escolha levou em conta a existência de informações suficientes para que fosse possível estabelecer contato com os participantes e entrevistá-los e, posteriormente, conhecer a horta.

Observando o objetivo principal desta pesquisa de identificar e potencializar iniciativas para reconstrução do tecido social emergentes na sociedade por meio das hortas urbanas comunitárias, fez-se necessário escolher - as informações mais relevantes. Deveriam conter aspectos gerais e outros mais específicos, que dessem conta de registrar elementos para uma análise comparativa. Era preciso compreender as necessidades básicas do funcionamento das estruturas, mas também os personagens principais e os papéis que exercem no determinado cenário, já que se deve levar em conta aspectos fundamentalmente relacionais. Buscou-se, ainda, captar sinais do que foi positivo, mas também do que foi negativo ao longo da evolução de cada horta, evitando, assim, erros de projeto, passíveis de serem inseridos no modelo a ser elaborado.

Como aspectos gerais compreendemos: localização, nome de alguns dos responsáveis (de preferência, com indicação de como contatá-los), data de criação, motivações, objetivos, resultados, benefícios, beneficiários e beneficiados. Consideramos informações mais específicas os dados numéricos, como área do terreno, recursos (financeiros, técnicos, humanos ou materiais), além de subsídios para a compreensão de planejamento e estratégias em relação ao que estava sendo plantado. Em suma, quaisquer dados acessíveis que sinalizassem dificuldades e conquistas que poderiam ser replicadas.

Dessa maneira, foi elaborada uma ficha similar às utilizadas pelos pesquisadores da Rede Desis, em 2022, nas coletas de casos de inovação social, para registrar e organizar as informações de cada um dos casos encontrados (tabela 1). Inicialmente, a obtenção de dados ocorreu por meio de *desk research* - limitação de pesquisa inicial causada pelo confinamento compulsório durante as fases mais intensas da pandemia da Covid-19.

Tabela 1 - Modelo da ficha de informações das hortas comunitárias.

HUrb_xx	Nome
Perfil:	( ) no ES ( ) fora do ES ( ) fora do Brasil ( ) projeto em Universidade
Responsável/líder:	Nome do responsável e contato
Localização física:	
Localização virtual:	Onde foram encontradas as informações?
Data da coleta de dados:	
Ano de criação:	
Motivação:	Por qual motivo resolveram criar esta horta, especificamente?
Objetivo:	( ) renda ( ) distribuição de alimentos ( ) ensinar a plantar ( ) socialização ( ) Outro
Área (m²):	
Produção:	Quantidade e tipo de plantas
Membros participantes ativos:	
Beneficiados diretos:	Que trabalhem no projeto

Beneficiados indiretos:	Que recebam os produtos
Incentivo privado/ público/ entidade:	
Planejamento:	Houve projeto inicial? Qual? De quanto em quanto tempo são feitos plantio, cuidados e colheita?
Estratégia de plantio:	( ) Linha reta ( ) Vertical ( ) Círculo ( ) Outro .....
Recursos humanos disponíveis:	
Recursos materiais duráveis:	Equipamentos
Recursos materiais não duráveis:	Insumos de manutenção da horta
Recurso financeiro:	
Funcionamento :	(como e com o quê)
Diferencial:	Se houver
semelhanças	Citar se for parecido com outro(s) projeto(s)
Outras OBS	
Imagens relevantes	

Fonte: Elaboração das autoras

Foram verificados sites de conteúdo específico sobre agricultura, agroecologia, meio ambiente, jardinagem e horticultura. Outro viés investigado foram as instituições públicas e privadas apoiadoras destas ações, que, além de perceberem as hortas como indicativo de melhor qualidade de vida, promovem, por meio delas, a imagem de sua gestão.

Houve mais dificuldade do que esperado na coleta das informações específicas sobre casos de hortas urbanas comunitárias. Muitas vezes, o registro das iniciativas não chega aos veículos digitais, mantendo-se somente nas cercanias onde acontecem, seja por desinteresse dos participantes ou mesmo por inabilidade desses com as ferramentas digitais disponíveis. Ainda assim foi possível elencar, inicialmente, alguns casos expressivos (tabela 2).

As hortas maiores costumam ter um pouco mais de destaque nos meios de divulgação, por geralmente contarem com apoio de instituições públicas, como as prefeituras. Assim, para o preenchimento completo das fichas, foi necessário entrar em contato direto com um dos seus responsáveis ou líderes comunitários e solicitar uma visita de observação ou uma entrevista.

Tabela 2 – Localização das primeiras referências de hortas registradas

Tipo	Nome do Projeto	Município
Espírito Santo	Horta Comunitária de São Torquato	Vila Velha
	Horta Comunitária Barcelona	Serra
	Horta Jardim Capixaba	Vitória
	Horta Paraíso	Vitória
	Horta Comunitária Urbana Quintal na Cidade	Vitória
	Horta Comunitária de Santa Tereza	Vitória
	Agrofloresta Apeninos	Castelo
	Nossa Agrofloresta	Aracruz
	Projeto Horta Escolar Vila Velha	Vila Velha
	Horta Comunitária no Parque Pedra da Cebola	Vitória
	Horta Comunitária de São Pedro	Vitória

Brasil	Hortas Cariocas (49 localidades)	Várias cidades do RJ
	Horta da Coruja	São Paulo (SP)
	Instituto Horta Girassol	Distrito Federal
	Hortas de Belo Horizonte (44 hortas)	Belo Horizonte (MG)
	Hortas Comunitárias Salvador (63 hortas)	Salvador (BA)
	Hortas Comunitárias de Maringá (39 hortas)	Maringá (PR)
Universidades	USP	Ribeirão Preto (SP)
	UFF	Escola Municipal Alberto Francisco Torres - Niterói (RJ)
	UNIFAL-MG	Poços de Caldas (MG)
	Projeto Quintal Terapêutico - Ceunes/UFES	Porto - São Mateus (ES)
	Horta Comunitária Lomba do Pinheiro - UFRGS	Porto Alegre (RS)

Fonte: Elaboração das autoras

Estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais visivelmente oferecem mais apoio às hortas comunitárias se comparados ao Espírito Santo. Foi possível encontrar listas com dezenas de hortas nos sites das prefeituras das outras capitais, contendo, ao menos, seus nomes e localizações. Já no Espírito Santo, o levantamento da Prefeitura de Vitória, realizado em 2018, apontava a existência de oito hortas comunitárias e treze jardins terapêuticos. Nem todas as hortas ou jardins foram citadas. A partir de publicações recentes nas redes sociais foi possível confirmar as hortas ativas, sendo elas: “Quintal na Cidade<sup>3</sup>”, “Paraíso<sup>4</sup>” e “Santa Tereza<sup>5</sup>”. No município da Serra (ES), a “Horta de Barcelona” também mostra atividades em curso entre os moradores do local (SACRAMENTO, 2022).

## 5 Horta comunitária “Quintal na Cidade”

Durante a pesquisa de casos, foi encontrado um artigo on-line sobre uma horta da cidade de Vitória, que serviria de referência para outras, tendo, inclusive, recebido visita de comissão da Organização das Nações Unidas (ONU) (G1 ES, 2017). O perfil de Instagram, na ocasião, avisava que, no domingo seguinte, haveria mutirão de trabalho e café da manhã compartilhado no local da horta, o que se tornou a oportunidade ideal para o início da pesquisa *in loco*. Foi possível participar das atividades de plantio, em uma experiência de contato direto com muitos dos atores significativos do cenário das HUCs da Grande Vitória, como os participantes da Ruca.

<sup>3</sup> Perfil no Instagram, disponível em: [https://www.instagram.com/horta\\_quintal/](https://www.instagram.com/horta_quintal/). Acesso em: 17 abr. 2022.

<sup>4</sup> Perfil no Instagram, disponível em: <https://www.instagram.com/horta.paraíso/>. Acesso em: 17 abr. 2022.

<sup>5</sup> Perfil no Instagram, disponível em: <https://www.instagram.com/basechapadahortast.tereza/>. Acesso em: 17 abr. 2022.

A horta comunitária “Quintal na Cidade” é um espaço verde diferenciado, em meio aos morros do centro histórico de Vitória. Conta com a produção de hortaliças, plantas alimentícias não-convencionais (PANCs), frutíferas, plantas ornamentais, suculentas e até com apiários.

Em uma segunda oportunidade de participação em um desses mutirões, foram coletadas informações mais objetivas por meio de entrevistas feitas com os líderes da horta em questão. Assim, foram ouvidos Eduarda Borges Bimbatto e seu marido Yedo Coelho dos Santos, idealizadores e responsáveis pela horta “Quintal na Cidade”. Relataram que, anteriormente, havia apenas uma rua sem saída, abandonada, coberta de mato e servindo de refúgio para pessoas com intenções e hábitos ilícitos. O casal comprou uma casa ao lado do espaço abandonado, no ano de 2013. Tentaram acionar a prefeitura para que fosse feita limpeza da rua sem saída várias vezes, sem muitos resultados. Por fim, decidiram tomar a iniciativa de resolver o problema com a própria comunidade do entorno. Com o objetivo de limpar e cuidar do área, convidaram alguns vizinhos para um almoço, de forma que, juntos, pensassem em uma solução; dali, surgiu a ideia da Horta Comunitária “Quintal na Cidade”.

Santos O primeiro canteiro foi plantado em 2014 (informação verbal), porém os outros membros do coletivo optaram por marcar como início a data de 18 de março de 2016, pois foi quando, já mais organizados, elaboraram um projeto, que foi levado para a Prefeitura de Vitória (ES). Como resultado, junto com o órgão, promoveram e participaram de um curso ministrado para ensinar e aprimorar as práticas de cultivo.

Inicialmente, havia 14 pessoas (por consequência, também suas famílias), que ficaram responsáveis pelas tarefas do dia a dia, como irrigação, limpeza etc. Durante a pandemia, evitaram completamente os mutirões e realizaram somente tarefas essenciais, desenvolvidas pelos moradores mais próximos. No momento da entrevista, com o aparente controle da pandemia, voltaram a realizar mutirões para as tarefas que exigiam mais esforço físico, como limpeza, preparação da terra, plantio e colheita, mas relataram contar, geralmente, apenas com seis membros fixos durante a semana para as tarefas corriqueiras.

Os beneficiários da horta são os próprios moradores e todos os voluntários que participem do preparo da terra, do plantio, da colheita etc. Qualquer pessoa, mesmo que não more na região, mas que queira participar, é bem-vindo aos mutirões e aos cafés da manhã coletivos, organizados e anunciados no perfil do Instagram da Horta “Quintal na Cidade”. Ao fim do trabalho, o voluntário pode levar para casa algo que esteja disponível, seja muda, minhocas, plantas colhidas no dia, entre outros.

A líder comunitária do projeto, Eduarda Bimbatto, relatou sobre grupos de visita, como escolas da rede municipal e até mesmo uma clínica psiquiátrica. A clínica entrou em contato e levou pacientes com diversos tipos de distúrbios, como ansiedade e depressão, por exemplo. Aproveitou a lembrança para citar seu interesse, ainda incipiente, nos efeitos terapêuticos que vêm observando entre os participantes do trabalho na horta.

Com a entrevista feita durante a visita, foi possível completar a ficha da horta (tabela 3), além de obter registros fotográficos de várias atividades coletivas.

Tabela 3 - Ficha de informações da Horta Comunitária “Quintal na Cidade”

HUrb_05	HORTA COMUNITÁRIA QUINTAL NA CIDADE
Perfil	(x) no ES ( ) Fora do ES ( ) Fora do Brasil ( ) Projeto em Universidade
Responsável:	Eduarda Borges Bimbatto



Localização física:	Rua Rubens José Vervloet, Cidade Alta, Centro Histórico de Vitória.
Localização virtual:	<a href="http://revistanegociorural.com.br/especiais/horta-comunitaria-exemplo-do-espirito-santo-para-o-mundo/">revistanegociorural.com.br/especiais/horta-comunitaria-exemplo-do-espirito-santo-para-o-mundo/</a> <a href="https://www.instagram.com/horta_quintal/">https://www.instagram.com/horta_quintal/</a>
Data da coleta de dados:	09/03/2022
Ano de criação:	2016
Motivação:	Limpeza da rua sem saída, que estava constantemente cheia de mato e lixo, gerando focos de mosquitos, baratas e outras pragas.
Objetivo:	"Produzir alimentos orgânicos em pequena escala, de maneira sustentável, promovendo acesso e disponibilidade desses, de forma solidária, aos moradores do entorno da rua." Além de disseminar educação alimentar e ambiental, convívio social etc.
Área (m²):	Aproximadamente 300 metros quadrados
Produção:	Cenoura, beterraba, alface, taioba, almeirão, couve, melissa, cidreira, capim-cidreira, confrei, alecrim, salsa, cebolinha, coentro, manjerição.
Membros participantes ativos:	Inicialmente eram 14, agora somente 6.
Beneficiados diretos:	Os membros ativos e eventuais voluntários nos mutirões.
Beneficiados indiretos:	Havendo excedentes, podem ser distribuídos na rua para os moradores anciões.
Incentivo privado/público/ entidade:	Há contato com a Prefeitura de Vitória e secretaria, além da Ruca, mas nenhum incentivo financeiro.
Planejamento:	Há projeto inicial. Os membros ativos atuais moram próximo do local e organizam-se para cuidar das plantas durante a semana, regando e limpando pontual.
Estratégia de plantio:	Plantio em linha reta, em canteiros alinhados.
Recursos humanos disponíveis:	6 membros ativos e pessoas que vão para mutirões (média de mais 10 pessoas, a cada 15 dias)
Recursos materiais duráveis:	Pás, enxadras, enxadinhas, caixa d'água etc.
Recursos materiais não duráveis:	Terra comprada uma vez por ano, sementes, mudas etc.
Recurso financeiro:	Organizam dois bazares grandes por ano. O último, em fevereiro/2022, arrecadou cerca de R\$ 1.600 e esse dinheiro será usado para pagar contas de água, insumos e ferramentas. Também é feita a venda de chorume coletado nas compostoras.
Diferencial:	Destacando-se por ter se mantido por tantos anos, comemoraram sete anos de horta recentemente. Receberam visita de um grupo da ONU, tendo sido elogiados pela iniciativa social.
Semelhanças:	Não identificada

Fonte: Elaboração das autoras (2022).

Uma das percepções na participação nos mutirões da horta foi quanto à importância do contato das pessoas não apenas com a natureza, mas entre elas mesmas. Visivelmente estabelecem-se fortes relações de cumplicidade e afeto durante o trabalho, que os motivam a voltar sempre aos mutirões.

O projeto não tem uma fonte de renda formalizada nem registro legal como organização não governamental (ONG) ou similar, sendo, portanto, mantida pela doação dos participantes. Quando necessário, coletam doações para promoção de bazar de venda de roupas usadas,

sendo o lucro utilizado para a compra de equipamentos ou insumos. As ações são sempre desenvolvidas de maneira colaborativa e espontânea.

Vale destacar a participação dos membros da Ruca no evento, que, como já mencionado, “articula pessoas, projetos e coletivos interessados em desenvolver atividades de agricultura urbana ecológica nos territórios urbanos do Espírito Santo” (RUCA, 2021). O grupo ministra cursos sobre agroecologia, como formação de hortas e tipos de plantas. Apóia novas iniciativas com recursos humanos, ao fazerem visitas durante mutirões e oferecerem conselhos, pois contam com membros que são engenheiros agrícolas, florestais, ambientais, entre outros. Além disso, mantém contato diário em um grupo criado na ferramenta *WhatsApp*, em que os responsáveis pelas hortas do Estado, especialistas e entusiastas da Agroecologia podem trocar ideias sobre seus projetos. A aproximação com esse grupo, incluindo a participação via *WhatsApp*, tornou-se um recurso fundamental de acesso das pesquisadoras a muitas outras hortas da Região Metropolitana da Grande Vitória.

Os membros da Ruca auxiliaram no preenchimento de quatro fichas cadastrais por líderes de outras hortas vinculadas à entidade. Foram elas: “Horta Orgânica Comunitária”, no bairro Eldorado, e “Horta de Balneário de Carapebus”, ambas na Serra; e “Horta Canto da Pedra”, no bairro Cruzamento, e “Base Chapada - Horta Comunitária de Santa Tereza”, as duas em Vitória. Essas são mais novas que a “Quintal na Cidade”; duas começaram em 2019 e outras duas em 2021.

Figura 3 - Horta “Quintal na cidade” durante o mutirão



Fonte: Acervo pessoal das autoras (10 abr. 2022)

A partir do preenchimento das fichas, algumas informações comuns foram percebidas. Uma delas foi a ociosidade do espaço em seus bairros como motivação inicial. Espaços ociosos eram usados como depósito de lixo e entulho, atraindo insetos e gerando odor desagradável. A

partir do momento que surgem as HUCs, os cuidados de manutenção garantem um espaço agradável e saudável na vizinhança.

## 6 Considerações finais

A trajetória percorrida até aqui, embora ainda incipiente, elucidou algumas características fundamentais para o projeto em andamento. Pode-se ter noção do contexto geral das Hortas Urbanas Comunitárias, por meio de conhecimento adquirido em fontes primárias e secundárias. Além da fundamentação teórica sobre o tema, houve aproximação com agentes locais para conhecer a realidade, com suas dificuldades e conquistas.

Dentre as questões levantadas e considerando o momento pós-pandêmico, percebeu-se uma possibilidade de recorte de projeto na função terapêutica das hortas. Que não seja um modelo de horta estritamente terapêutico, mas que tenha essa abordagem claramente delineada, potencializando espaços de reconstituição da malha social local, proporcionando bem-estar emocional, além dos benefícios materiais fartamente identificados.

A partir dessas primeiras descobertas e de outras que virão em sequência, pretende-se elaborar o protótipo de uma estrutura de horta que se torne um modelo replicável, o qual deverá ser submetido a um grupo focal composto de *stakeholders* (agentes interessados), com objetivo de discutir e sugerir melhorias ao modelo proposto.

O formato mais adequado, *a priori*, parece ser o das pequenas hortas comunitárias, buscando a participação de um grupo de moradores que estejam realmente comprometidos com o funcionamento da horta. A experiência vivenciada na horta “Quintal na cidade” mostrou que, embora haja um número grande de voluntários nos mutirões, são apenas alguns poucos que mantêm a ideia ativa. Esse núcleo reverbera na sociedade, catalisando pessoas que, embora não possam ou não queiram se comprometer com as tarefas cotidianas, contribuem em participações esporádicas, beneficiando-se dos resultados e multiplicando o bem-estar.

Com os resultados desta atividade, pretendemos consolidar com ferramentas de Design uma estrutura de conhecimento e experimentação para escalonamento das Hortas Urbanas Coletivas na Região Metropolitana da Grande Vitória. Objetiva-se poiar não apenas novas hortas, mas também os espaços já existentes que necessitam de mais organização para cuidados básicos, de modo que possam ter continuidade. Buscamos compreender os benefícios gerados desta conjunção de fatores que levam as pessoas às HUCs.

## 7 Referências

ALENCAR, Gislene. **Em tempo de isolamento social, aumenta procura por cultivo de horta em quintais e varandas**. Hortaliças em Revista, Brasília, Ano IX, n. 30, 2020, p. 4-8. Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1123535>. ISSN 2359-3172. Acesso em: 12 fev. 2022.

**ÁREA de descarte de lixo vira horta comunitária em vitória**. G1 ES, Espírito Santo. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/area-de-descarte-de-lixo-vira-horta-comunitaria-em-vitoria.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BRASIL. **Decreto-lei nº 311**, de 02 de março de 1938. Dispõe sobre a divisão territorial do país, e dá outras providências. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, [1938]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De10311.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De10311.htm). Acesso em: 17 abr. 2022.

BUCHANAN, R. **Wicked problems in Design Thinking**. Design Issues, The MIT Press, v. 8, n. 2, p.

5-21. 1992.

CAMPILAN, D.; DRECHSEL, P.; JÖCKER, D. Monitoreo Y evaluación de impacto. **Revista Agricultura Urbana**, La Habana, n. 5, p. 27-29. 2002.

CRUZ, C.; RIBEIRO, U. **Metodologia Científica**: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Axcel Books. p. 324. 2004.

DESIS NETWORK. **About**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.desisnetwork.org/about/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

DUQUE JÚNIOR, J. O. **Experiência da horta comunitária da QE 38 do Guará/DF como um caso bem-sucedido de agricultura urbana**. 2014. Monografia (Bacharelado em Agronomia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FERREIRA, I. de M. **Design transversal e as práticas de ressignificação para a cidadania no espaço público**. 2017. 188 f. Tese (Doutorado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2017.

FREIRE, K. (Org.). **Design estratégico para a inovação cultural e social**. São Paulo: Kazuá, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, p. 175. 2002.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil**: uma primeira aproximação. IBGE, Coordenação de Geografia, Rio de Janeiro: IBGE, 2017, n.11, p. 41-63. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100643.pdf>. ISSN 1679-480X. Acesso em: 13 fev. 2022.

LOPES, F. J. R. **Apostila da Horta Comunitária**. Campinas: GDR – Grupo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Segurança Alimentar/CEASA. p.37. 2004.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, E. **Design: quando todos fazem design** — uma introdução ao design para a inovação social. Tradução de Luiza Araújo. São Leopoldo, RS: Unisinos. p.254. 2017.

MANZINI, E. **Making things happen**: social innovation and design. Design Issues, [S. l.], v. 30 n. 1, 2014.

MERONI, A. **Strategic Design: where are we now?** Reflection around the foundations of a recente discipline. Strategic Design Research Journal, v. 1, n. 1, Dec. 1, p. 31-38. 2008.

MORAES, D. de. **Metaprojeto: o design do design**. São Paulo: Blucher, 2010.

MORAES, D. de. **Metaprojeto como modelo projetual**. Strategic Design Research Journal. Porto Alegre, p. 62-68. 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/article/view/4788>. Acesso em: 12 jan. 2022.

NEVES, M. F.; CONEJERO, M. A. **Uma contribuição empírica para geração de métodos de planejamento e gestão**. Revista de Administração, v. 47, Issue 4, 2012. p. 699-714. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0080210716302588>. Acesso em: 17 abr. 2022.

PENIN, L. **An Introduction to Service Design**: designing the invisibl. London: Bloomsbury Visual Arts, 2018.

REDE URBANA CAPIXABA DE AGROECOLOGIA - Ruca (Vitória). **Uma rede em favor da**

**agroecologia nas cidades.** Sobre a Ruca. 2020. Disponível em: <https://rucaagroecologia.wordpress.com/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

REDE URBANA CAPIXABA DE AGROECOLOGIA - Ruca (Vitória) (org.). **Mapeamento agroecológico urbano no Espírito Santo.** 20. Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/dashboards/242c88ee1593476cb9a4e97f401f04ab>. Acesso em: 15 fev. 2022.

REIS, L. **Produção de monografia da teoria à prática.** 3. ed. São Paulo: Senac-de, 2010.

RIBEIRO, S. M.; BÓGUS, C. M.; WATANABE, H. A. W. **Agricultura urbana agroecológica na perspectiva da promoção da saúde.** Saúde e Sociedade [online]. 2015, v. 24, n. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000200026>. ISSN 1984-0470. Acesso em: 16 abr. 2022.

SACRAMENTO, H. T. **Jardins terapêuticos e hortas urbanas comunitárias no município de Vitória (ES): plantando saúde e colhendo cidadania.** 2018. Disponível em: <https://www.edcities.org/rede-brasileira/wp-content/uploads/sites/14/2018/04/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Vit%C3%B3ria-Henriqueta-Tereza-do-Sacramento.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2022.

SANTANDREU, A.; LOVO, I. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção:** identificação e caracterização de iniciativas de agricultura urbana e periurbana em regiões metropolitanas brasileiras. 2007. Disponível em: [https://www.agriculturaurbana.org.br/textos/panorama\\_AUP.pdf](https://www.agriculturaurbana.org.br/textos/panorama_AUP.pdf). Acesso em: 16 abr. 2022.

THACKARA, J. **Plano B: o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo.** São Paulo: Saraiva: Versar, 2008.

UNEP. **Product-Service Systems and Sustainability:** opportunities for sustainable solutions. Paris: UNEP, 2001.

VIEIRA, T. L. P. **O design para inovação social e sustentabilidade e as novas formas de consumo de roupas.** 2015. 211 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia de Produção, Gestão da Inovação, COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

ZURLO, F. **Un modello di lettura per l Design Strategico.** La relazione tra design e strategia nell'impresa contemporanea. Dottorato de Ricerca in Disegno Industriale – XI ciclo Politecnico di Milano. p. 247. 1999.